

SXL



Jornal Interescolar

N.º 6 - 2019 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Edição da Câmara Municipal do Seixal

16.º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável: Paz, Justiça e Instituições Eficazes



Trabalho coletivo do Clube de Artes da Escola Básica Carlos Ribeiro sobre os 17 ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Editorial

O *Jornal Interescolar* do ano letivo 2018-2019 aborda o 16.º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – Paz, Justiça e Instituições Eficazes, instituído pela Organização das Nações Unidas, que consiste em «Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas a todos os níveis.»



A abordagem no *Jornal Interescolar* de temas como a imigração e a emigração, o direito a uma identidade legal, a violência e a tortura, o acesso às armas, o tráfico de seres humanos, o racismo, os direitos humanos, a liberdade de expressão *versus* discurso do ódio, o papel da cultura na paz e como a arte e os artistas intervêm em defesa de um mundo mais justo são os temas escolhidos pelos alunos das 8 escolas participantes neste projeto.

No ano em que se comemora o 45.º aniversário do 25 de Abril, mantém-se viva a esperança inabalável de um povo em construir uma sociedade livre, justa e solidária em que se afirmem direitos fundamentais como a saúde, o trabalho e a habitação. Em que se continue a apostar em políticas de inclusão social, dirigidas ao combate à pobreza e à igualdade de oportunidades de, nomeadamente, pessoas com deficiência, emigrantes e minorias étnicas.

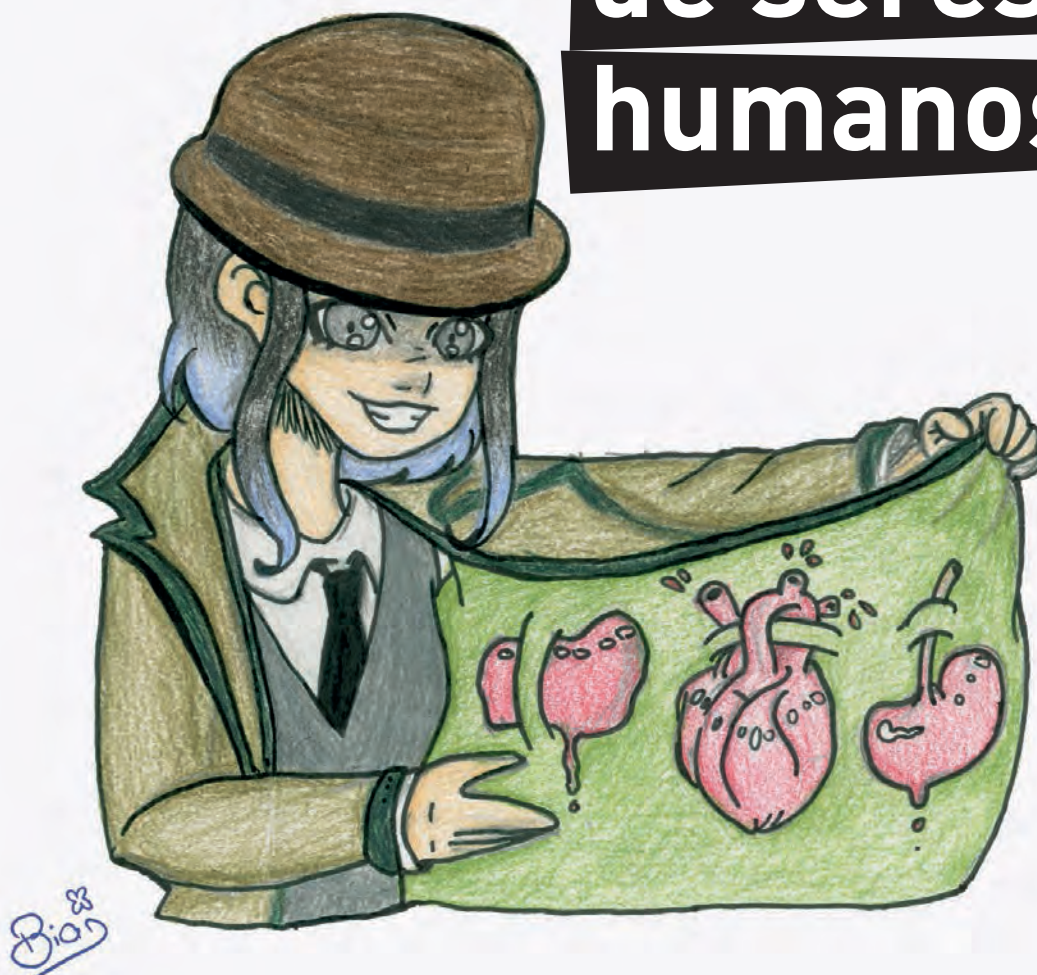
A igualdade entre homens e mulheres ainda tem um longo caminho a percorrer. A proteção das crianças tem de merecer maior atenção por parte de todos. E o direito a uma educação de qualidade continua a ser uma importante meta a atingir na nossa sociedade, porque também nós acreditamos que a «educação é a fórmula mágica para atingir a igualdade entre mulheres e homens», mas que, muito para além deste importante objetivo, a educação é fundamental para a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais e para a construção de um mundo melhor.

Constatamos que está vivo o interesse dos alunos do nosso concelho em conhecer e dar a conhecer os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e a envolver-se em ações que promovam a proteção das liberdades fundamentais, do combate a todas as formas de violência e da promoção da paz e da justiça. Os primeiros e indispensáveis passos para dar a conhecer estes objetivos são precisamente: informar, divulgar, sensibilizar e conhecer as respetivas metas, para que de seguida, através de ações concretas, todos possamos contribuir para a transformação do mundo em que vivemos. Essa transformação só é possível em tempos de paz e liberdade que, uma vez mais, celebramos em Abril.

Joaquim Santos
Presidente da Câmara Municipal do Seixal

Escola Secundária de Amora

Tráfico de seres humanos



O tráfico de seres humanos é um crime que vai contra a liberdade de cada indivíduo, afetando milhões de pessoas no mundo inteiro. Este tem como princípio enganar e explorar pessoas. Isto pode acontecer encaminhando as pessoas para outros países com promessas falsas ou até mesmo dentro do próprio país de origem.

Normalmente, as vítimas são enganadas através de diversas ofertas de trabalho/emprego, para depois poderem ser ameaçadas e sequestradas. Existem inúmeras formas para praticar este tipo de crime, como sejam:

- **Exploração laboral:** acontece quando uma pessoa é sujeita a trabalhos forçados, em condições degradantes e sem liberdade.
- **Exploração sexual:** refere-se à sujeição como escravos/as sexuais, como seja a prostituição forçada.

• **Tráfico de crianças:** a maioria das vítimas encontram-se em situações de coação ou abusivas, sendo a fuga difícil e perigosa. Estas têm todo o tipo de «trabalhos», do roubo à prostituição.



• **Tráfico de mulheres:** também há tráfico de homens, contudo a situação das mulheres é mais preocupante, pois existe em grande escala e em trabalhos de maior

risco como a prostituição e a barriga de aluguer.

• **Transplante ilegal de órgãos:** classes desfavorecidas com grandes dificuldades financeiras

servem de dadores das «máfias» do tráfico ilegal de órgãos, sobretudo para um mercado de pessoas/ doentes mais ricos.

Há vários países em que este tipo

de crime ocorre em grande escala, sobretudo naqueles em que a classe mais desfavorecida existe em maior percentagem. Mas tal não significa que não se pratique, também, em países ricos e populosos, como tem vindo a acontecer. As pessoas, num instinto de sobrevivência, aproveitam as «supostas ofertas» sem se informarem da veracidade e segurança das mesmas, colocando, muitas vezes, as suas próprias vidas em perigo. Infelizmente, parece que nem toda a população está alertada para esta questão. Como tal, devem ser tomadas medidas no sentido de prevenir e combater este flagelo humano ainda presente em pleno século XXI, adotando atitudes/comportamentos cívicos em prol da dignidade do ser humano.



Escola Secundária Dr. José Afonso

Que mundo queremos nos nossos 30 anos?

Não ao discurso do ódio nas redes sociais! #cultivarapaz #partilha

Violência gera violência. As redes sociais constituem um campo propício a certo tipo de violência sobretudo para alguns que, cobardeamente, ao abrigo de um ecrã, produzem discursos que nunca ousariam assumir se enfrentassem os seus alvos frente a frente, olhos nos olhos.

A construção de uma sociedade pacífica e inclusiva, em que todos se sintam seguros e apoiados como cidadãos, passa pelo desenvolvimento de uma cultura de paz, que pode usar as redes como uma ferramenta contra o discurso de ódio, que dê maior visibilidade a ações culturais, de defesa dos

direitos humanos e outras que contribuam para que os ODS – Objetivos de Desenvolvimento do Milénio – deixem de ser objetivos e se vão tornando realidade. Em 2030, teremos 30 anos. É cada vez mais urgente continuarmos a trabalhar na construção da sociedade em que teremos gosto em

viver. Que mundo queremos nos nossos 30 anos? Aceitámos o desafio do tema anual deste jornal, o 16.º ODS – Paz, Justiça e Instituições Eficazes. Defender a paz, facilitar o acesso à justiça e garantir uma sociedade inclusiva também significa manifestar-se a favor da necessi-

dade de uma cultura de diálogo, de entendimento, de integração e inclusão. E é aí, na manifestação contra o discurso do ódio na internet, contra este mal-estar quotidiano que o nosso trabalho se posiciona. Para que não fiquemos indiferentes e façamos a diferença.

Discurso de ódio, o que é?

O discurso de ódio consiste numa determinada mensagem que procura promover o ódio, hostilidade e violência contra uma pessoa ou grupo por causa da sua raça, religião, nacionalidade, orientação sexual, género, condição física, ou qualquer outra forma de intolerância. Este discurso pode assumir a forma de insulto, troça ou até ameaça.

Atualmente, o discurso de ódio tem mais visibilidade, pois a facilidade de comunicação que reduziu as fronteiras e aproximou o mundo parece ter aumentado preconceitos e gerado mais ódio. Para os investigadores, a intolerância está mais presente *online* do que *offline*. Na sua opinião, «há uma falsa sensação de privacidade: quando alguém comenta, a pessoa sente-

-se como se estivesse dentro de um fórum; por outro lado, o anonimato favorece isso». Para além destes fatores, há ainda alguns portais que «fecham os olhos» ou até estimulam comentários de ódio porque esse tipo de discussão aumenta o número de visualizações.

Se a internet acrescentou poder aos meios de comunicação, também tem contribuído para a desinformação e as chamadas notícias falsas, ou *fake news*, que muitas vezes aumentam o ódio e os preconceitos.

O discurso de ódio *online* é uma forma de violação dos Direitos Humanos na medida em que é sempre uma agressão e também uma ameaça à liberdade de expressão, sendo que esta liberdade não pode pôr em causa esses mesmos direitos humanos.



Redes sociais: instrumentos para a paz e solidariedade

As redes sociais proporcionam-nos uma grande facilidade de comunicação com muitas pessoas, independentemente do lugar onde se encontram. Criam a possibilidade de participar em grupos ou fóruns de discussão que promovem o debate.

Para além disso, há uma grande partilha de informação e difusão de ideias, o que proporciona também o desenvolvimento de movimentos sociais e campanhas de solidariedade. Através do atual poder da internet e das redes sociais, podemos aumentar e melhorar o acesso à informação, encorajando a empatia, diminuindo o discurso de ódio e incentivando o ativismo mundial pelos direitos humanos.

Sabes que podes denunciar o discurso de ódio?

Onde?

linhaalerta.internetsegura.pt – projeto em parceria de diversas entidades que tem como missão disponibilizar ao público em geral um conjunto de meios através dos quais, e de forma totalmente anónima, é possível apresentar denúncias de conteúdos eventualmente ilegais.

coe.int/en/web/no-hate-campaign/anti-discrimination-department – este Departamento Antidiscriminação do Conselho da Europa apoia os Estados-membros e as organizações da sociedade civil no combate ao discurso de ódio.

erc.pt – Entidade para a Regulação da Comunicação em Portugal.

cig.gov.pt – Comissão para a Igualdade de Género. Por exemplo, no passado dia 14 de fevereiro, Dia dos Namorados, foi lançada a campanha pela eliminação da violência no namoro: #NamorarMemeASério (<https://www.cig.gov.pt/2019/02/campanha-pela-eliminacao-da-violencia-no-namoro-namorar-meme-serio/>)

Sabes onde podes encontrar mais informação?

odionao.com.pt – Aqui encontras:

– ALTERNATIVAS – um manual que é uma ferramenta essencial na promoção da literacia digital e mediática, bem como do pensamento crítico e da capacidade de denunciar e agir contra o discurso de ódio.

– O MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA AO TROLL – que te pode ajudar a identificar, agir e denunciar os discursos de ódio.

– GUIA DOS DIREITOS HUMANOS PARA OS UTILIZADORES DE INTERNET – que te informa sobre os teus direitos e deveres online.

seguranet.pt – disponibiliza muitos recursos, informação, atividades, jogos que te podem ajudar a navegar de forma mais segura (*cyberbullying*, assédio, riscos de utilização da *webcam*, entre outros). Tem também atividades dirigidas aos pais (podes aproveitar para contribuir para a educação dos teus pais neste domínio ;-))

talkingegg.info – tem ligação para instituições que, em diversos países, incluindo Portugal, disponibilizam informação e apoio em diversas áreas como prevenção do suicídio, *bullying* e toxicodependências...

Contra o discurso do ódio, manifestar, manifestar....

O que podemos fazer para enfrentar este tipo de discurso?

- Campanhas de consciencialização e educação;
- Desenvolver a capacidade para se pôr no lugar do outro, para tentar sentir o que este sentiria caso estivesse numa situação de violência.

- Promover a literacia digital, para que cada jovem, individualmente, saiba como agir sempre que encontrar, ou for alvo, de agressões desta natureza;
- Denunciar estes ataques, contribuindo para que as pessoas se

sintam mais seguras *online*;

- Sensibilizar os jovens para que, em conjunto, vão desenvolvendo a luta contra a violência.

Se todos cooperarmos neste sentido, estaremos a caminhar

para cumprir o ODS 16 e assim contribuir para uma sociedade mais justa e pacífica onde todos se sintam protegidos e integrados.

Ódio *online*! O que pensamos na escola...

Na Escola Secundária Dr. José Afonso elaborámos um inquérito, que aplicámos a 111 alunos do 7.º ano ao 12.º ano, do ensino regular, o que constituiu uma amostra representativa de 10 por cento.

Este inquérito, com 13 perguntas no âmbito do 16.º ODS, pretendeu estudar como o discurso de ódio na internet é visto pelos alunos da nossa escola.

Escolhemos esta temática pois consideramos que a existência do discurso de ódio na internet ameaça a construção de sociedades pacíficas e inclusivas, uma das metas mais importantes deste ODS.

De entre as várias perguntas,

quisemos saber como os inquiridos se sentiram quando foram vítimas de discurso de ódio. A maioria dos alunos sentiu-se revoltado (55,4 por cento), triste (44,6 por cento) e/ou indiferente perante o discurso de ódio (43,1 por cento), tendo sido estas as três opções mais assinaladas.

Além disso, 70,3 por cento dos alunos inquiridos conhecem pessoas que já foram ou são vítimas de discurso de ódio.

Quisemos saber como os inquiridos reagiram perante as vítimas de discurso de ódio que conheciam. Assim, 52,3 por cento consolaram-nos e 44,3 por cento dos alunos aconselharam-nos a contar a um adulto.

Nas respostas à pergunta «Em que nível de escolaridade existe maior discurso de ódio?», os inquiridos responderam, numa percentagem igual de 36,9 por cento, que era no 3.º ciclo e no ensino secundário. Estas respostas levam-nos a pensar que o facto de um maior número de estudantes destes dois níveis de ensino terem mais acesso à Internet e redes sociais, como o Twitter ou o Instagram, pode influenciar a existência de um maior número de ocorrências de discurso de ódio.

Por fim, pedimos sugestões sobre meios para acabar com o discurso de ódio. A grande maioria indicou em primeiro lugar o ato de denun-

ciar ou contar a um adulto, em segundo ignorar e em terceiro punir ou castigar.

Alguns alunos também deram respostas como «educar as pessoas, principalmente crianças, a aprenderem a respeitar os outros» e «promover a tolerância e o diálogo».

Os resultados deste inquérito sugerem-nos que, embora um número significativo de alunos identifique o discurso de ódio, este tema tem de ser trabalhado em casa, na escola, na comunicação social, na sociedade para que, desde muito cedo, os jovens saibam proteger-se desta ameaça.

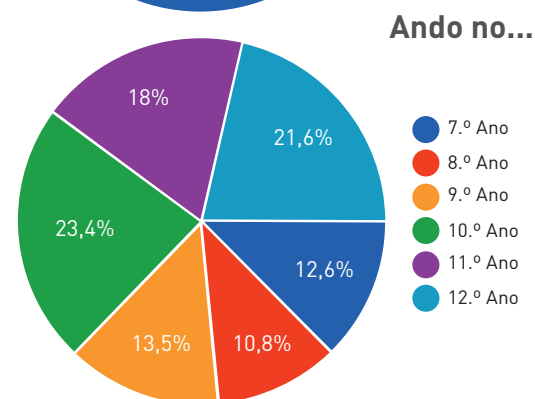
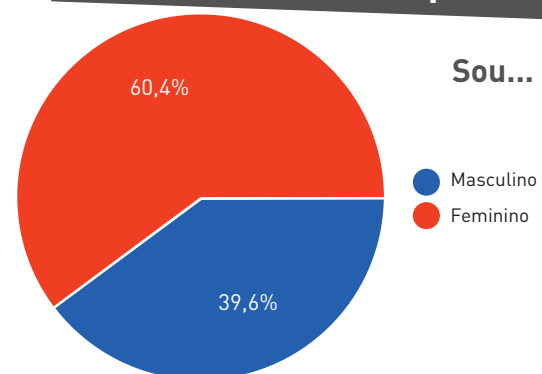
Sabias que:

- Na Escola Secundária Dr. José Afonso apenas 36,4 por cento dos 111 alunos inquiridos afirmaram que já foram alvo de discurso de ódio.
- 93 dos 111 alunos inquiridos souberam identificar o que é o discurso de ódio.
- Perto de 40 por cento dos alunos acham que o discurso de ódio é mais comum no 3.º ciclo e no secundário.
- O discurso de ódio pode pôr em causa os direitos humanos.

Para acabar com o discurso de ódio, os alunos da Escola Secundária Dr. José Afonso sugerem...

- Contar estas situações a adultos responsáveis
- Denunciar estas situações
- Divulgar as formas de agir para acabar com o discurso de ódio
- Fazer trabalhos que incitem o combate ao discurso de ódio
- Promover a resolução dos problemas através do diálogo

Caraterização da amostra do inquérito:



Escola Básica Carlos Ribeiro

O poder da arte na defesa de uma causa

Nestas páginas abordamos a forma como a arte e os artistas intervêm em defesa de um mundo mais justo, falamos sobre Banksy e duas das suas obras, sobre Pedro Abrunhosa e Lila Downs que em conjunto gravaram a música «Amor em Tempo de Muros», e sobre duas outras músicas de diferentes artistas. Falamos também sobre o famoso livro *O Diário de Anne Frank* e os direitos das crianças. Podes ainda ver algumas das ilustrações/obras realizadas pelo Clube de Artes e que certamente te vão fazer pensar. No final de cada artigo colocámos um QR code para que possas ver as obras.

Banksy faz-te pensar

Por Catarina Gonçalves, Rita Gonçalves e Inês Costa

Banksy é um artista inglês que tem várias obras dedicadas aos desastres do mundo. Neste artigo analisamos duas das suas obras, *Season's Greetings* e *Kissing Coopers*.

Season's Greetings

Em vários dos seus trabalhos decidiu dedicar-se ao tema da poluição atmosférica.

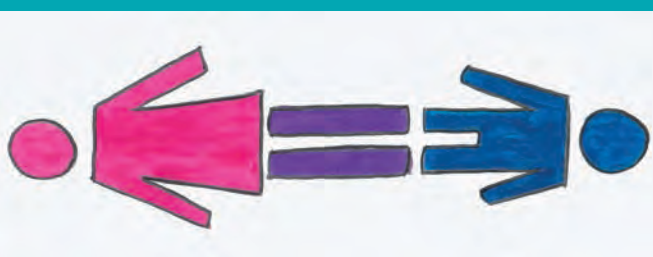
Em *Season's Greetings* podes ver um menino que à primeira vista está a brincar na neve, no entanto, quando se vê o resto da obra percebe-se que a «neve» são cinzas do lixo que está a ser queimado.

O artista chama assim a atenção da população para o facto de o clima estar a sofrer grandes alterações, e de o mar estar a ser consumido pela poluição feita pelo Homem.



Kissing Coopers

A segunda obra que selecionamos apela à comunidade LGBT. Retrata dois polícias que se estão a beijar. A peça foi feita em 2005 na parede do Prince Albert Pub, em Brighton. Acabou por sofrer vários ataques de vandalismo e fizeram uma cópia da obra em 2011. Algumas pessoas acham que Banksy está a gozar com os polícias, outras veem a peça de uma forma positiva e acham que o artista está a encorajar a comunidade a «sair do armário» e a não ter vergonha. O artista tenta chamar a atenção da sociedade para integrar e respeitar todos os membros da comunidade.



Igualdade de Género
Beatriz Cardoso



Climatiza-te
Beatriz Gregório

A música pode tocar-te

Por Catarina Gonçalves, Rita Gonçalves e Inês Costa

Nestes artigos vamos falar sobre a música «Amor em Tempo de Muros», interpretada por Pedro Abrunhosa e Lila Downs, vamos também falar da música que NBC apresentou na segunda semifinal do Festival da Canção de 2019 e, finalmente, sobre a música «Pride (In the Name of Love)», composta pelo grupo irlandês U2, em honra de Martin Luther King Jr. Junto a cada artigo colocámos um QR code para que possas ouvir as músicas.

«Amor em Tempo de Muros»

Cinco anos após o lançamento de *Contramão*, Pedro Abrunhosa lançou finalmente o novo álbum, *Espiritual*, com a colaboração de vários artistas, como por exemplo Lila Downs, com quem interpretou «Amor em Tempo de Muros». A canção fala sobre a situação atual dos refugiados em todo o mundo, em especial no México.



«Igual a ti»

«Igual a ti» é uma canção interpretada por NBC, que atuou na 2.ª semifinal do Festival da Canção de 2019. A música diz, por outras palavras, que os refugiados e os sem abrigo são pessoas iguais a nós e que precisam da nossa ajuda. Diz também que eles só precisam de um lugar para ficar e serem quem realmente são.

«Pride (In the Name of Love)»

«Pride (In the Name of Love)» foi uma música lançada pela banda de rock irlandesa U2, a 1 de setembro de 1984. A música foi dedicada a Martin Luther King Jr., um pastor protestante estadunidense que foi assassinado na manhã de 4 de abril de 1968. A canção «Pride...» fala sobre o dia em que o ativista foi assassinado e sobre a campanha que ele estava a desenvolver na altura a apelar ao amor ao próximo e à não violência.



O Diário de Anne Frank e os direitos humanos

Por Camila Costa e Paulo Barbosa

Qual é a ligação entre os impactantes direitos humanos e o famoso *O Diário de Anne Frank*? Descubra isto e muito mais já a seguir!

Anne Frank foi uma adolescente com apenas 13 anos (assim como nós) que se viu obrigada a abandonar o seu lar e a enfrentar um novo mundo repleto de perigos e desventuras. Durante a 2.ª Guerra Mundial, por um período de dois longos anos, Anne viveu escondida num anexo, em Amesterdão, e a sua vida terminou de modo infeliz no campo de concentração de Auschwitz. Condenada ao sofrimento, à indignidade e à morte... Que crime terrível cometeu? Roubou? Enganou? Assassinou alguém? Não! Anne era judia... só isso... judia... foi perseguida por ter uma religião diferente...

Amigos e conhecidos de Anne foram levados em carruagens como se de gado se tratasse... E tudo isto «só por serem judeus», como escreveu no seu diário. Levados para campos de concentração, torturados, desumanizados, gaseados...

E onde estavam os direitos humanos? Onde estavam os ativistas? Onde estavam as pessoas boas? Onde estavam as organizações internacionais dedicadas à defesa dos direitos humanos?

Era um silêncio ensurdecedor... Anne, sensível e atenta aos dramáticos acontecimentos, não podia deixar de refletir sobre os atos dos

nazis e de expressar os seus sentimentos – frustrações, mágoas, raiva – ao longo das páginas brancas do seu diário.

O Diário de Anne Frank contribuiu e continua a contribuir para a importância de se conhecerem, divulgarem e defenderem os direitos humanos! Foi necessário que o mundo assistisse aos atos grotescos cometidos contra homens, mulheres, crianças ao longo da 2.ª Guerra Mundial para que a Organização das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, adotasse a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A leitura e exploração da obra *O Diário de Anne Frank* foi, para nós, impactante e despertou-nos sentimentos solidários relativamente ao ocorrido com os judeus, assim como sentimentos de repulsa para com os nazis.

Mas ainda não está tudo resolvido, pois em pleno século XXI voltam a surgir casos de ataques cruéis antissemitas. Para teres uma pequena noção, em países como a França, esta taxa de ocorrências subiu para os 74 por cento em 2018! Contrariamente ao que pretendia Anne Frank, parece que o mundo já esqueceu o seu sofrimento....

Estes atos de discriminação devem acabar o mais rápido possível e dar lugar a um mundo pacífico e altruísta.



Podes saber mais no artigo do *El País*.



Cidades Sustentáveis, Catarina Oliveira

Sabias que as crianças também têm direitos?

Por Camila Costa e Paulo Barbosa

Infelizmente, ainda hoje, as crianças são completamente desvalorizadas e usadas em contexto de guerra como meros instrumentos. Se durante a 2.ª Guerra Mundial, em campos de concentração, crianças de «pijamas às riscas» foram fotografadas agarradas às redes, privadas dos seus direitos mais elementares, hoje, em pleno século XXI, imagens idênticas circulam pelos meios de comunicação social... crianças, tal como as anteriores, agarradas às vedações, desta vez em campos de acolhimento, vendo negados não só os seus direitos, mas também os seus sonhos. E toda a criança tem direito a sonhar. Foi a 20 de novembro de 1959 que foi redigida a Declaração dos Direitos das Crianças, num documento com dez princípios visando a proteção e valorização das crianças, que devem ser respeitados por todo e qualquer ser humano.

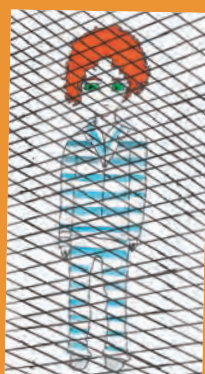
Tantos anos passados e nada parece ter mudado.

Podes saber mais no artigo da revista *Visão Júnior*.



PASSATEMPO

veja as diferenças



1944 – Auchwitz



2019 – Grécia

Beatriz Cardoso e Beatriz Gregório

Sabias que...

é uma rubrica construída a partir do fórum de discussão realizado por jovens da Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira – alguns vieram para Portugal à procura de um país irmão ou de um país de acolhimento – e do debate sobre o caminho comum para o desenvolvimento, a partir da trajetória feita por Portugal.

Privilegiou-se a discussão acerca da dignidade humana como princípio fundamental e, neste contexto, da necessária existência de metas, como a 16.9 – até 2030, fornecer identidade legal para todos, incluindo o registo de nascimento, do ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes.

As conversas sobre os ODS sinalizam a compreensão de que a humanidade pode fazer escolhas numa ação universal contra as desigualdades, contra a pobreza, contra a exclusão.

Sabias que...

O 25 de Abril de 1974 representou para as mulheres portuguesas uma autêntica revolução?

Abriram-se as portas para a conquista de um lugar digno na sociedade, em igualdade de direitos com o homem, e não numa mera posição subalterna.

A lei portuguesa não admite a existência de crianças com pai incógnito desde 1977 (Reforma do Código Civil, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 496/77, de 25 de novembro).

Na Constituição de 1976, o art.º 13.º estabeleceu que todos são iguais perante a lei. O art.º 36.º, que os cônjuges têm direitos e deveres iguais no casamento e que os filhos nascidos fora do casamento não podem ser objeto de discriminação.

Os direitos dos filhos não dependem da existência do casamento entre os pais; não há qualquer discriminação legal contra os filhos nascidos fora do casamento.

Por isso a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) e dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) é fundamental.

«We can be the first generation to succeed in ending poverty; just as we may be the last to have a chance of saving the planet»

Declaração das Nações Unidas

16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES



PROMOVER SOCIEDADES PACÍFICAS E INCLUSIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, PROPORCIONAR O ACESSO À JUSTIÇA PARA TODOS E CONSTRUIR INSTITUIÇÕES EFICAZES, RESPONSÁVEIS E INCLUSIVAS A TODOS OS NÍVEIS

Sabias que...

Em Portugal, até à Revolução de 25 de Abril de 1974, o único modelo de família aceite era o resultante do contrato de casamento? Mães solteiras não tinham qualquer proteção legal.

Havia distinção entre filhos legítimos e ilegítimos (nascidos dentro e fora do casamento): os direitos de uns e outros eram diferentes.

Das expressões para a filiação ilegítima, filhos nascidos fora dos laços do matrimónio, a mais utilizada foi sempre a de «bastardia», «bastardo».

Sabias que...

Os países ainda se comportam de forma muito diferente no que diz respeito ao cumprimento dos ODS?

Ainda há países onde o ato de nascimento de uma criança não faz dela um cidadão com todos os direitos constitucionais?

Os relatórios da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância) sobre a situação mundial da infância continuam a salientar que crianças não registadas à nascença acabam por não constar das estatísticas oficiais e ficar de fora da sociedade?

As estatísticas mundiais em relação à pobreza e às crianças são alarmantes. São centenas de milhões as crianças vítimas de exploração e discriminação graves e que são invisíveis aos olhos da comunidade internacional.

ENTREVISTA

Filho de pai incógnito

Testemunho sobre o poder da democracia no respeito dos direitos cívicos enquanto valores fundamentais do ser humano.

Nasci antes do 25 de Abril de 1974.

A minha mãe tinha 2 filhas de um casamento que não foi casamento porque não tinha um papel assinado. Uma tem o nome do pai, a outra não tem porque ele foi para o Brasil com a promessa que mandaria uma «carta de chamada» (antes do 25 de Abril, ela não podia sair do país sem carta de chamada). A carta de chamada da minha mãe nunca chegou... Depois a minha mãe talvez se tenha apaixonado... dessa relação nasci eu, em 1964, em pleno fascismo, em plena guerra colonial. A minha

mãe chorou muito, segundo me contava a minha avó, que era cega, porque nasci rapaz e o futuro seria a Guerra Colonial. Em 1974, eu tinha 10 anos e estou a acabar a escola primária com destino traçado: era certo que seria agricultor. Não havia alternativa, a minha mãe estava sozinha, não tinha possibilidade para eu continuar a estudar. Para ir à escola, fazia 2800 metros a pé com chuva, vento, levava a comida muitas vezes dada pelas mães de outros meninos.

A minha mãe ainda falou com o senhor padre para eu ir para o

seminário, mas eu era filho do pecado e o filho do pecado não podia continuar a estudar. Com o 25 de Abril de 1974, abriram-se as janelas do mundo, da vida e eu estudei. Fiz os exames à faculdade, mas não frequentei a faculdade porque continuei pobre e nem tudo mudou com o 25 de Abril.

No meu bilhete de identidade estava escrito «filho de pai incógnito».

Conheci o meu pai e aos 18 anos ele quis dar-me o seu nome, mas não aceitei em homenagem à minha mãe. Respeitei-o, mas a minha mãe foi uma heroína,

criou três filhos sozinha e estava a cuidar da minha avó que era cega, portanto foi uma mulher extraordinária.

Entretanto, descobri que muita gente que nasceu antes do 25 de Abril – filhos de mães solteiras, gente que esteve presa ou dos que iam para a «roda» – não tinham nome de pai ou de mãe, não tinham nada.

Para a construção da trajetória de Portugal sobre dignidade e oportunidade para todos, é importante saber, para não voltar a acontecer, que antes do 25 de Abril havia filhos incógnitos... os bastardos ou ilegítimos.



Bia – Escola Básica Carlos Ribeiro



Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Migrantes

«No mundo globalizado em que vivemos, é difícil – senão impossível – ignorar a presença migrante ao nosso redor.»

Seixal e Hamburgo – duas cidades, a mesma realidade

Ana Bárbara, 16 anos, deixou o Brasil há dois anos com a sua família, procurando melhores condições de vida deste lado do Atlântico. Em Portugal, encontrou, por um lado, «um país mais tranquilo para habitar», por outro, deparou-se com um sistema de ensino totalmente diferente do que lhe era familiar. A 2500 quilómetros para nordeste, Ivanna via-se na mesma situação: aos 15 anos, mudara-se da Macedónia para a Alemanha, acompanhando a família na busca de uma vida melhor. Agora, aos 19 anos, conclui que o seu maior desafio terá sido a integração na escola e a barreira linguística.

No mundo globalizado em que vivemos, não são poucos os casos semelhantes aos de Ana Bárbara e Ivanna. Os grandes fluxos migratórios iniciados no século XX estendem-se até aos dias de hoje e, vivendo numa cidade atrativa à imigração, é difícil ignorar a multiculturalidade que provém deste fenómeno e molda todo o ecossistema social. Deste modo, fomos tentar perceber os contextos em que vivem, não só aqueles que escolheram o Seixal como a sua nova morada e estudam na nossa escola, Escola Secundária Manuel Cargaleiro, como também entrevistámos alunas da Berufliche Schule St. Pauli, em Hamburgo, Alemanha, cidade cuja história assenta nas trocas comerciais e nos fluxos migratórios.

João e Rossana

A procura por uma nova vida une estes oito alunos. No entanto, as circunstâncias que levaram as respetivas famílias a deixar o seu território não são as mesmas. João, de 16 anos, nasceu em Portugal e partiu para o Canadá aos 7, regressando apenas este verão. Contamos – em inglês, já que o português ainda não foi bem dominado – que, originalmente, deixou o país

para passar férias com a família materna, acabando por lá se fixar durante nove anos. O regresso foi motivado pelos familiares que havia deixado para trás.

Ainda que apresentando circunstâncias diferentes, João e Rossana, de 19 anos, partilham pontos de partida semelhantes. Nascida em Portugal, a jovem partiu para Inglaterra aos 2 anos, onde permaneceu até aos 11, idade em que se instalou em Luanda, Angola, onde frequentou a escola durante cinco anos até regressar à sua terra natal para concluir os estudos secundários e superiores. Tal foi motivado pelas melhores condições de ensino que Portugal oferece em comparação com a escolaridade angolana. «O ensino em Luanda ainda é muito fraco, logo os meus pais decidiram que era melhor eu concluir a escola aqui», disse-nos Rossana. A opção por Portugal foi apoiada pela existência de familiares a morar neste país.

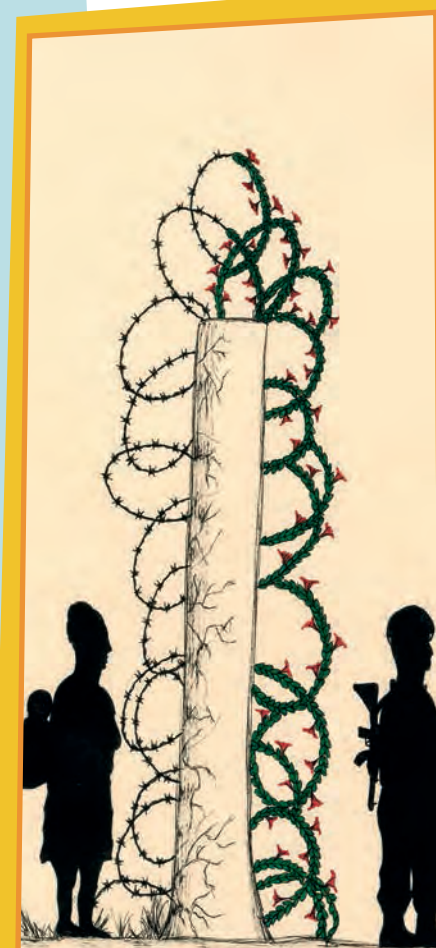
Ilea, Nikola e Emilly

O caso da Rossana não é único; este padrão é transversal a todos os alunos inquiridos: as famílias instalaram-se em locais onde familiares ou amigos habitam. Isto possibilita uma integração mais fácil e um apoio personalizado que os fundos de inserção do Estado não conseguem oferecer. «Tínhamos família aqui», contou-nos Ilea, 19 anos,

quando questionada sobre o porquê de os seus pais terem trocado a Itália pela Alemanha. A mesma resposta foi dada pelo seu colega de escola Nikola, de 18 anos: «Não planeámos viver na Alemanha; o objetivo era deixar a Sérvia e tínhamos cá familiares.»

Também Emilly foi recebida pela família quando desembarcou em Portugal, há quatro meses apenas, dois anos após a chegada do irmão e quatro depois da mãe. No entanto, não é só este aspeto que une a jovem brasileira de 13 anos e Nikola. Apesar de terem sido bem acolhidos por aqueles mais próximos dos seus familiares, ambos admitiram ter sofrido de xenofobia à chegada ao novo país. Revelou o sérvio que «[ao início] foi estranho por causa do meu sotaque, as pessoas riam-se de mim».

Felizmente, a situação atenuou-se: «Não me deixei afetar e continuei a ter sucesso na escola. Acabaram por deixar de se importar com o meu modo de falar.» Emilly ainda não teve a mesma sorte. Explica-nos que, apesar dos primeiros dias na nova escola não terem sido problemáticos, rapidamente o clima dentro da turma se deteriorou. «Na minha turma, no início, fui bem recebida. Mas, com o passar do tempo, alguns mostraram não ser as boas pessoas que pareciam ser. Algumas me trataram mesmo mal, chingando-me e maldizendo-me», disse.



Rafael Faria



Catarina Loureiro



Bianca

Mina

Nalgum momento, todos os inquiridos já experimentaram a sensação de não serem desejados no país que escolheram como a sua nova casa. Mina sentiu essa realidade na pele. A jovem, de 20 anos recém-feitos, começou a sua jornada por uma vida melhor aos 15 anos quando, num dia igual a todos os outros dias, um carro armado, sintoma da guerra civil que se fazia sentir, foi detonado em frente à sua casa, nos arredores de Damasco, Síria, e a feriu. A segurança da família estava, então, em risco e tal resultou numa fuga para o Egito, onde a jovem terminou os estudos secundários. No entanto, as terras do Nilo não ofereciam a proteção de que a família necessitava, o que motivou a partida para a Alemanha com o estatuto de refugiados. Mina explicou que a

sua família estava circunscrita a poucas ou nenhuma opções: «A segurança e a existência de melhores oportunidades na Alemanha foram os principais motivos da nossa escolha. Mas, acima de tudo, como refugiados sírios, quase não tivemos alternativa, pois são poucos os países que nos concederiam asilo.» A decisão quase à força acabou por ter sido a melhor possível: Hamburgo, a cidade onde Mina e a sua família foram acolhidos, é o lar de 288 mil migrantes, o que constitui 30 por cento da população geral. Assim, é minimizado o sentimento de não pertença. «Se somos todos de fora, sentimo-nos menos sozinhos. Aqui encontrei uma grande multiculturalidade, miscigenação social, tolerância e respeito, que acredito não poder encontrar em muitos outros lugares.»

O respeito e a entreaajuda são fatores importantes

A opinião de Mina é partilhada pelos seus pares. O respeito e a entreaajuda são fatores importantes que todos os inquiridos apontaram como essenciais à integração e, nos seus casos, ao sucesso no novo sistema escolar a que tiveram que se adaptar. A barreira linguística foi apontada como o principal obstáculo a que estiveram sujeitos; mesmo as alunas provenientes dos PALOP tiveram dificuldades no ajuste ao português europeu. Para João, frequentar a escola em Portugal significaria ter de aprender a língua quase do zero. Em conjunto com a sua turma, encontrou um sistema que o ajudaria a adaptar-se ao novo idioma: sempre que tivesse dúvidas, enviaria uma mensagem em inglês a um dos seus colegas, que a traduziria para português. Este método foi – e continua a ser – crucial na aprendi-

zagem da língua, segundo João. Já os alunos hamburgueses conseguiram ultrapassar a barreira linguística através das aulas de alemão obrigatórias que tiveram antes de ingressarem na escolaridade regular.

Os alunos inquiridos assinalaram, também, as grandes disparidades entre o ensino do seu país natal e do país recetor. Aqueles que agora usufruem da escolaridade portuguesa apontaram a qualidade da matéria lecionada e a especificação do ensino secundário como pontos positivos, este último tendo sido destacado por Ana Bárbara: «[No Brasil], não se ensina uma base escolhida para a área de ciências humanas ou exatas para conclusão do secundário, que lá é chamado de ensino médio. Você escolhe uma das áreas depois que conclui e entra para faculdade.» Já os alunos da Berufliche Schule St. Pauli apontaram o ensino alemão como sendo extremamente geral, ao contrário do que acontecia nos seus países de origem. «Aqui precisas de aprender todas as disciplinas que podes imaginar, enquanto que na Itália há um maior foco naquilo que será necessário para o futuro», disse-nos Ilea.

Integrar e compreender é imprescindível

No mundo globalizado em que vivemos, é difícil – senão impossível – ignorar a presença migrante ao nosso redor. Encontramo-la na nossa vizinhança, na nossa turma, nos nossos círculos de amigos. Assim sendo, é vital saber integrá-la, compreendê-la e desfrutar do intercâmbio cultural que beneficia não só o nosso carácter e entendimento, como também a comunidade e, em última instância, o território recetor.



Catarina Loureiro

Mar de sangue

Mar azul,
De azul profundo.
Barcos de borracha
Cortam as ondas.
Trazem sonhos e esperança,
Trazem vida e medo.
Mas o mar é impiedoso,
É incerto, só ele decide quem passa.
O azul profundo está agitado,
Os seus braços levantam-se
E os frágeis barcos de borracha
Para o fundo vão.
E o mar que era azul,
Agora está pintado de vermelho, de sangue,
Dos sonhos e das esperanças.
Mar de sangue,
De sangue escuro.

Em homenagem àqueles que perderam a vida na travessia do Mar Mediterrâneo, tentando fugir da guerra e da miséria.

Virgínia Gonçalves



Cláudia Figueira

Escola Básica Dr. António Augusto Louro

Se eu tivesse um lápis mágico

Se eu tivesse um lápis mágico, pintava o planeta de azul e verde, sem o fumo das fábricas e automóveis, sem lixo no chão e na água. Em seguida, desenhava novos *habitats* para os animais recuperarem os seus lares e o seu alimento. Depois, redistribuía todas as riquezas da Terra para que não existissem pessoas sem comida, água e outros bens necessários. Então, riscava a escravidão de todos os países do mundo e todas as desigualdades e injustiças e criava lares e famílias com muito carinho e atenção para toda a gente. Seguidamente, desenhava todas as escolas necessárias com todos os meninos e meninas a brincar e a aprender. Se eu tivesse um lápis mágico, o mundo não teria coisas más, apenas coisas boas.

Joana Sousa, Clube de Jornalismo



Se eu fosse um lápis mágico,

Escreveria uma nova História,
Onde todos fossem irmãos
E pudessem cantar Vitória!

Nessa História, não haveria dor,
Não escreveria lágrimas ou tristeza,
Angústia, ódios ou medos...
Muito menos solidão ou rejeição!

Se eu fosse um lápis mágico,
Desenharia um enorme coração,
Onde coubessem todos os homens
E todos dessem a mão.

A nova História falaria de amor,
Reinaria a felicidade
Num mundo de fantasia,
Onde o sorriso fosse Imperador
E ninguém conhecesse a palavra rancor!

E, assim, de alma limpa,
Todos poderiam voar
Tal como os pássaros
No imenso azul do céu
Sempre livres a sonhar.

Alunos do Clube de Jornalismo

Porque sou perseguido

Se não fiz mal a ninguém?
Será o país ou a cultura
Ou será obsessão?

Não sei o que dizer...
Sei que vim em paz
Sei que não quero mal
A quem mal me faz!

O racismo já é velho,
Muito antes da colonização...
Por que não virar a página
Nesta nossa geração?

Dinis Vales, Clube de Jornalismo



Ana Nogueira



Porquê tanto preconceito

Se somos todos iguais?
Não na cor, nem na nacionalidade...
Tudo isso é indiferente,
Pois somos todos simples mortais!

Porquê esta diferença,
Se só muda o exterior?
Quem sente racismo
No fundo...é inferior!

Porquê tanta implicância?
Porquê as diferenças destacar?
Todos temos é de Amar
E juntos...com o Racismo acabar!

Miriam Faustino, Clube de Jornalismo

A coragem de denunciar

Catarina é uma jovem lutadora... Vamos conhecer um pouco da sua história. É atriz, tem cabelos ruivos e cacheados, compridos, cobrindo uma cicatriz que dói mais na alma que no corpo. Os seus lindos olhos azuis, da cor do céu, não brilham, pois escondem muita dor.

Desde cedo, Catarina conheceu o significado das palavras dor, violência, desrespeito, vergonha... A sua mãe, sempre com lágrimas nos olhos, de rosto fechado, nunca conheceu a alegria de ser esposa, mãe, mulher... e até esqueceu o sentido da palavra vida! Ambas sofreram de violência doméstica, subjugadas pela dor de terem de sobreviver debaixo de gritos, escândalos, violência física e psicoló-

gica! O pai de Catarina era alcoólico e muito violento... Um dia, queimou a própria filha com um cigarro no rosto, quando tentava proteger a mãe de um violento soco... Foi a gota de água! Catarina decidiu lutar e fugir daquela prisão, daquela vida... Pediu ajuda a uma professora, que depressa a salvou, a ela e à sua mãe, que ganhou coragem, a coragem de denunciar a sua triste condição, quase de escrava nas mãos do marido. Catarina é agora uma jovem atriz, linda, apesar de sofrida... Parte daquilo que ganha é entregue a instituições que ajudam as vítimas de violência doméstica. Por vezes, veste-se de preto, em homenagem às mulheres que sofrem de violência, tal como ela

havia sofrido...

Tornou-se atriz, pois representar foi algo que a vida lhe ensinou, algo a que a vida a obrigou... Sempre teve de representar vários papéis... Só assim conseguiu crescer.

É uma mulher especial, perspicaz, muito inteligente e com um coração gigante... Luta por todas as vítimas, salva-as, tal como ela outrora foi salva por uma professora inesquecível.

Admiro-a. Com ela aprendi que enquanto não houver a coragem de denunciar, haverá sempre maus-tratos, guerra, dor... Mas, tal como Catarina, continuo a acreditar nos seres humanos... Um dia... um dia viveremos todos em paz.

Ana Cristina Mendes, Clube de Jornalismo

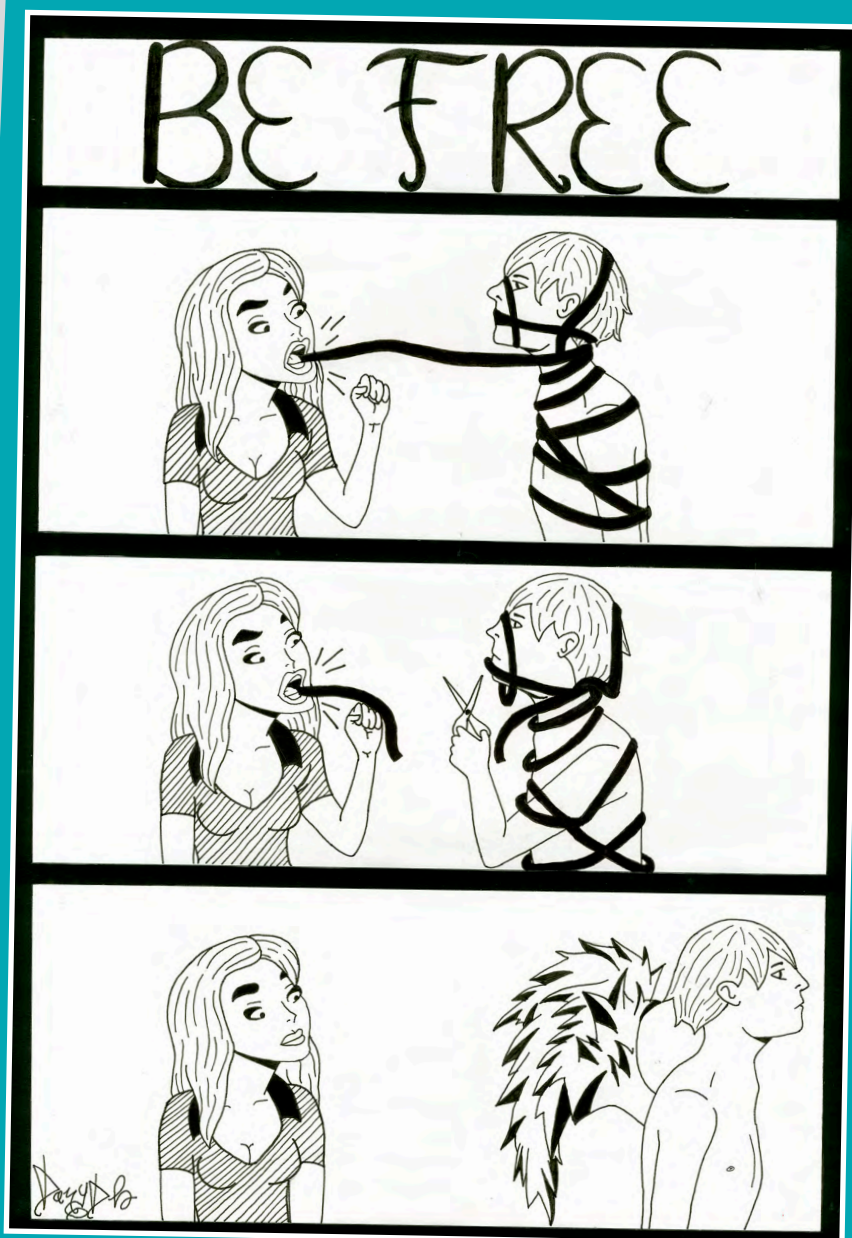
Escola Secundária João de Barros

A violência no namoro

Reduzir todas as formas de violência é um dos propósitos do 16.º Objetivo de Desenvolvimento Sustentável. A turma 10.º H da Escola Secundária João de Barros conta-nos, em banda desenhada, histórias de namoros violentos.



Iris Isabel



Daniela Jesus

A violência pode estar presente em todo o tipo de relações e entre casais de diferentes idades.

A violência não é uma forma de expressar amor por outra pessoa e, seja por que motivo for, não é aceitável.

Há vítimas de violência no namoro que se sentem culpadas, inseguras, tristes, muito confusas e completamente sozinhas para enfrentar este problema.

Recorda-te sempre que quem te ama não te agride, não te humilha, não te persegue, não te ameaça, não te grita, não te manipula, não te obriga a fazer o que não queres, não te controla, não mexe nas tuas coisas sem

o teu consentimento, não te proíbe de ter amigos, não te isola, não te faz sentir culpado(a), não te vira contra os outros (pais, familiares, amigos, professores), não te diz o que deves sentir e pensar.



Leonor Carias



Melissa Lopes

É preciso ter coragem para terminar uma relação violenta. Importante é perceber que se pode pedir ajuda. Falar com um amigo, com um professor, com os pais ou com o psicólogo da escola é uma opção, ou então contactar a **APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima** que, de forma gratuita e confidencial, pode apoiar, esclarecer dúvidas e preocupações. Email: apav.sede@apav.pt, telefone 707 200 077, em dias úteis das 10 às 13 horas e 14 às 17 horas.

Escola Básica Paulo da Gama

Ajudar a fugir da guerra

Entrevista ao investigador Henrique Sequerra, autor de *Já Posso Dizer a Verdade?*

No livro *Já Posso Dizer a Verdade?*, o investigador Henrique Sequerra conta a história muito pouco conhecida de dois irmãos gémeos portugueses que, no período da 2.ª Guerra Mundial, a partir da cidade de Barcelona, desenvolveram uma intensa atividade humanitária em defesa de refugiados, proporcionando-lhes a fuga ao Holocausto, de França para a Catalunha, através da passagem dos Pirenéus, correndo grandes riscos, e apoiando-os depois no prosseguimento do seu caminho.

Numa época em que a temática dos refugiados está na ordem do dia, quisemos ouvir o autor sobre as histórias que narrou e que fazem parte da História.

O título do livro corresponde à pergunta feita por uma criança judia de 3 anos que tinha aprendido a não divulgar a sua identidade, quando reencontrou a sua mãe.

Numa época de perseguição e de terror, uma criança de 3 anos já tinha a consciência de que, para sobreviver, necessitava de esconder a sua identidade.

Clube de Jornalismo (CJ) – Como conheceu esta história?

Henrique Sequerra (HS) – Eu sempre tive interesse no tema da 2.ª Guerra Mundial. Por razões de mera curiosidade e por gostar muito de História, deste tema em particular, lia muita coisa e leio sobre esta época e, às duas por três, tropecei num texto que falava nuns

irmãos gémeos, Samuel e Joel Sequerra, que tinham estado em Barcelona e que tinham ajudado muito na proteção de refugiados e tinham ajudado a tirá-los da zona de conflito e a trazê-los para Lisboa para depois seguirem a sua vida. O nome prendeu-me a atenção, porque eu também me chamo Sequerra. A partir daí interessei-me e comecei a investigar. Há muito pouca coisa feita sobre eles. Porquê? Porque eles, a exemplo de muitos mais, nunca quiseram contar o que se passou durante a guerra. Há muito esse tipo de comportamento entre as pessoas que viveram a guerra: quando acabou a guerra, puseram uma pedra sobre o assunto. Não se fala mais nisso! Portanto, não há grandes testemunhos pessoais sobre esta fase da vida da humanidade. Ao começar a investigar, consegui descobrir a única vez em que os dois falaram sobre a guerra: foi numa entrevista ao professor Avni, um professor israelita de uma universidade de Jerusalém, no princípio da década de 1960, já eles estavam a viver no Brasil, porque, apesar de serem portugueses, foram depois viver para o Brasil. Eu consegui ter acesso a essa entrevista onde eles contam várias histórias e eu aproveitei muitas dessas histórias para o livro. Eu queria saber como é que o professor Avni tinha conseguido chegar à fala e o que é que conhecia deles. Obtive o contacto da universidade, escrevi a perguntar se me sabiam dizer alguma coisa sobre este professor, que eu pensava que já teria falecido. Qual não foi o meu espanto, passada uma semana, recebi um *email* do próprio professor Avni. Conte-lhe a história, o que tinha lido e ele

achou muito interessante haver um português com interesse sobre este assunto e dispôs-se a ajudar no que pudesse. Pedi-lhe autorização para usar a entrevista. A minha ideia inicial era escrever um pequeno artigo de jornal, não mais do que isso. Mas foi como uma bola de neve: começou a haver uma história e, depois, atrás dessa história, uma outra e mais outra... e deu um texto deste tamanho, que só pode ser publicado em livro. Foi a partir do professor Avni que tive acesso à única vez em que os gémeos falaram da sua atividade. Depois consegui ter o contacto dos filhos do Joel, o Samuel nunca se casou. O Joel casou-se e teve 4 filhos. Entreei em contacto com eles, mas os próprios me disseram: «O pai nunca falava dessas coisas da guerra, sabemos muito pouco». Mas eu fui puxando o fio à meada e fui descobrindo histórias e foi a partir daí que nasceu o livro.

CJ – Por que razão decidiu escrever um livro a contar esta história?

HS – Porque acho que é importante as pessoas saberem. Porque a 2.ª Guerra Mundial é um período dramático da história da humanidade e toda a gente deve conhecer estas histórias. Ainda por cima, histórias de pessoas desconhecidas. Não sei se já ouviram falar de Aristides de Sousa Mendes, é o mais conhecido dos portugueses que andaram a salvar uma série de judeus da



morte certa durante a 2.ª Guerra Mundial. Estes dois irmãos são muito menos conhecidos. Precisamente porque os próprios nunca falaram do tema. Isto ficou entre eles. Eles fizeram uma jura entre eles que nunca haviam de falar sobre isto. E eu, a partir do momento em que tive conhecimento da história, obtive os contactos e consegui saber estas histórias todas, senti que tinha obrigação de escrever este livro. Quando lancei o livro, apareceram familiares deles na sessão de lançamento e havia duas posições. Uns diziam: «Fez muito bem em escrever isto, porque é importante que as pessoas saibam o que é que aconteceu durante a 2.ª Guerra Mundial, que houve pessoas que se sacrificaram, que arriscaram a vida para salvar outras. Fez muito bem em escrever!» E havia outros que diziam: «Não devia ter escrito o livro, devia respeitar a memória deles, porque se eles não quiseram que se soubesse a história, você não tinha nada que estar a publicar.» Mas eu acho que é importante que as pessoas tomem conhecimento da história, porque isto é um período dramático da vida mundial. Isto é importante que as pessoas saibam: se conhecermos a História, os erros não se voltam a repetir.

CJ – Por que razão esta história é tão pouco conhecida?

HS – Precisamente por aquilo que eu tenho vindo a dizer. Eles e muitos dos que passaram por estes horrores da guerra, dos campos de concentração e de tantas pessoas mortas, toda a gente que conseguiu sobreviver tem um certo complexo de culpa e pensa: «Morreram não sei quantos milhões e eu fiquei vivo? Mas por que razão é que eu fiquei vivo e todos os outros morreram?». E depois fecham-se e não falam nisto. Há muito pouca gente a falar. Há algumas exceções que, ao contrário, dizem: «Como eu vivi isto eu vou falar nisto, as pessoas têm de saber!». Mas a maior parte não queria falar, queria esquecer. Como há pouca gente a falar nisto, estas histórias não são muito

conhecidas. Lembro-me do caso de um escritor que é muito conhecido por esta temática, que se chamava Primo Levi. Era um sobrevivente da guerra, esteve num campo de concentração, passou por horrores, conseguiu sobreviver e, quando acabou a guerra, ele achou que devia escrever e contar a experiência. E escreveu dos melhores livros que há sobre a 2.ª Guerra Mundial e os campos de concentração. Mas o peso da consciência era tamanho, tinha o complexo de culpa por ter sobrevivido enquanto tanta gente morreu. Ele escreveu os livros, tornou-se um escritor famoso e, passado uns anos, suicidou-se. Não conseguia viver com a ideia de ter sobrevivido ao Holocausto.

CJ – Quantas vidas terão sido salvas pelos gémeos e por aqueles que com eles colaboravam?

HS – Isso é uma pergunta que não tem resposta certa. Porque não há registos. A maior parte das pessoas que eram salvas por eles estavam sem identidade. Eram pessoas que, digamos, viviam escondidas e clandestinas e, portanto, não há registo de quantas pessoas terão sido salvas. Salvaram, seguramente, milhares de pessoas. Se foram 5 mil, 10 mil, 20 mil... é impossível saber. Mas só para vos dar um exemplo, eu conto aqui a história de uma situação numa prisão em Espanha, ao pé de Barcelona, onde eles estavam a funcionar, em que certo dia apareceu o embaixador inglês a pedir-lhes para eles conseguirem libertar uma senhora inglesa que estava grávida, em perigo de perder o bebé. Pelo contacto que conseguiram estabelecer com o responsável da prisão, asseguraram proteção e assistência, não só para essa mulher, como para outras 300 que estavam presas com ela e que poderiam voltar para França e seguir para campos de concentração. Se, num dia só,

salvaram 300 mulheres, durante os anos em que eles estiveram a trabalhar nesta área, seguramente, milhares de pessoas foram salvas através da ação dos dois.

CJ – Conhece mais histórias sobre situações de fuga à guerra ou fuga da guerra?

terrâneo, não é? Vocês veem na televisão. Agora os da Venezuela a fugir por todos os lados. O que não falta são exemplos de refugiados. Aliás, a 2.ª Guerra Mundial ficou tristemente famosa pelo número de refugiados e de mortos que provocou, mas, segundo os dados mais recentes das Nações Unidas, hoje em dia, o número de refugiados



HS – O que não falta são histórias, livros, filmes, documentários sobre isso. Diretamente, conhecer outras histórias, não. Mas há muita coisa para quem tiver interesse. Se vocês tiverem interesse, o que não falta aí são livros, documentários na televisão e filmes a contar várias histórias de pessoas que conseguiram sobreviver à guerra.

CJ – Tem experiências com este tipo de situação? Em caso afirmativo, quais?

HS – Experiências diretas destas situações, não. Tive o contacto que descrevi com esta realidade. Mas, se nós hoje em dia ligarmos a televisão o que é que ouvimos? São os refugiados. É o tema, outra vez, dos refugiados. Refugiados da Síria, refugiados dos barcos do Medi-

no mundo é muito superior àquele que houve durante a 2.ª Guerra Mundial. Hoje em dia, calcula-se, se não estou em erro, que haja, em todo o mundo, mais de 60 milhões de pessoas deslocadas por situações de guerra, de violência e de perseguições. São pessoas sem casa, sem condições mínimas de subsistência, sem futuro.

CJ – Obrigado pela sua disponibilidade em responder às nossas perguntas.

HS – Eu é que agradeço o vosso interesse.

Gonçalo Castro, Guilherme Pimenta e Tiago Caldinhas, 9.º B

Escola Básica Paulo da Gama



Imagens recolhidas no Museu de Auschwitz, Polónia, um dos campos de concentração onde se estima terem morrido 1 milhão e 100 mil pessoas, durante a 2.ª Guerra Mundial

O acesso às armas

A questão do acesso às armas ganha relevância quando há ataques de terrorismo, de ódio, com armas de fogo, que resultam na morte de um grande número de pessoas. Cada vez que há um ataque, aumenta a discussão. É o que acontece atualmente na Nova Zelândia, no Brasil e nos Estados Unidos, países onde ataques desses ocorreram recentemente. No último país referido eles acontecem com regularidade e, muitas vezes, no meio escolar. Existe aí uma grande divisão da opinião pública sobre restringir ou facilitar o acesso à venda e ao uso de armas de fogo. Há países em que a indústria do armamento tem uma influência muito grande nas políticas seguidas. Discutimos estas questões e, na nossa opinião, o acesso às armas poderá ter vantagens – poucas –, e desvantagens – muitas.

Vantagens:

Maior proteção, porque, em qualquer situação urgente, as pessoas podem defender-se.

Desvantagens:

A criminalidade aumentará, porque quanto mais pessoas tiverem armas brancas ou de fogo, mais criminosos vai haver.

Aumentará o número de mortes, pois em qualquer briga, mesmo pequena, as pessoas podem usar as armas.

Aumentarão os casos de violência doméstica, porque os homens ou mulheres podem ameaçar mais facilmente o(a) companheiro(a).

A violência vai aumentar, pois as pessoas vão habituar-se a usar as armas.

Daniel Oliveira e Miguel Lourenço, 9.º B

Guerra

Egoísta e avarenta, ruína de famílias, assassina de inocentes. Todos os dias em algum lugar do mundo poderemos encontrar pessoas a sofrer e a lutar numa guerra na qual não querem estar, longe das suas famílias, a ver a sua vida em risco constantemente e com um inevitável sentimento de impotência perante a sua própria existência. A guerra traz fatalidades, com ela injustiças e mortes, que poderiam ter sido evitadas. Aí chega o sentido de vingança e de vingar quem já não o pode fazer. Então, o ciclo recomeça. A guerra dá origem a mais guerra, como um ciclo vicioso do qual já não há memória do início e não vemos sinal do fim. Chega um momento no qual já não importa quem ganha ou quem perde, porque, mesmo sem perceberem, ambos os lados já perderam,

pois ambos deram origem a violência, sofrimento, momentos de pura injustiça e destruição. Então, por mais que um dos lados «ganhe» a razão, nunca irá recuperar aquilo que já está perdido.

A consciencialização dos jovens é essencial e imprescindível, pois um dia seremos nós a ter de lutar nestas guerras, a ver familiares e amigos perderem a vida por elas e a lidar com as suas consequências. Por isso, para o evitar, teremos de ser nós a mudar, porque, para mudar as atitudes, primeiro temos de mudar as pessoas.

Eu podia apelar-vos à paz, mas vou antes apelar à compaixão, solidariedade, compreensão e tolerância, porque sem elas nunca haverá verdadeiramente paz.

Inês Braga, 8.º B

45 ANOS 25 DE ABRIL



Comemoramos em 2019 o 45.º aniversário do 25 de Abril. Desafiámos os jovens alunos do 12.º ano da turma I de Artes da professora Maria de Jesus Dâmaso, da Escola Secundária Dr. José Afonso, a expressarem num cartaz o que para eles representa esta importante data da nossa história contemporânea. Os seus trabalhos resultaram numa exposição que estará patente nos Serviços Centrais da Câmara Municipal do Seixal no início de maio e, posteriormente, em vários locais (escolas) até ao final do ano de 2019.

Marie Martins, Escola Secundária Dr. José Afonso

Ficha técnica

Escola Secundária Alfredo Reis Silveira

Professora: Ana Paula Gonçalves
Alunos: Alice Maria Pós-de-Mina Galamba, Allef de Oliveira Rangel, Beatriz da Costa Ribeiro, Beatriz Sobral Encarnação, Enio Meta, Felipe Fernandes de Oliveira Leite, Joana Raquel Alfaface Barreiros, Mariana Gonçalves Duarte, Rayane dos Santos Maciel

Escola Secundária de Amora

Professora: Fátima Beicinha
Alunos: Pedro Germano, Hugo Rosa, João Costa, Beatriz Oliveira, Maria Corte Real, Sara Pinela, Carolina Pestana

Escola Básica Dr. António Augusto Louro

Professoras: Anabela Pires Carreira e Isabel Preto, docentes e funcionárias da Unidade de Multideficiência 1 e 2

Alunos: Emanuel Rodrigues, Henrique Carvalho, Ana Nogueira, Hermengarda Lopes, Inês Correia, Jennifer Lomba, Joana Sousa, Maria Fernandes, Mariana Marques, Samuel Rodrigues, Thais Silva, Ana Cristina Mendes, Dinis Vales, Miriam Faustino, Unidade de Apoio Especializado à Multideficiência 1 e 2

Escola Secundária Dr. José Afonso

Professoras: Dora Pinheiro, Dulce Oliveira, Alice Santos

Alunos: Irina Delgado, Henrique Rodrigues, Gonçalo Oliveira, Rodrigo Barbosa, Sara Neves, Margarida Custódio

Escola Secundária João de Barros

Professora: Cristina Gaspar

Alunos: Ana Branquinho, Ana Sousa, Ângela Tomé, Daniela Baleizão, Daniela Antunes, Diana Baptista, Gelson António, Gonçalo Lourenço, Inês Mira, Íris Carrasquinho, João Silva, João dos Santos, Jorge Duarte, Leonor Santos, Líliana dos Santos, Luzia Garrau, Madalena Ferreira, Melissa Lopes, Miguel Amaro, Mónica Moreira, Nair Carvalho, Rodrigo de Oliveira, Vítor Henriques

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Professoras: Júlia Freire, Maria José Moreira, Luísa Pereira e Margarida Fonseca

Alunos: Beatriz Caldinhas, Catarina Valadas, Guilherme Barreto, Gonçalo Marujo e alunos do 11.º D (ilustrações)

Escola Básica Carlos Ribeiro

Professor: Paulo Rodrigues
Alunos: Carolina Queirós, Beatriz Gregório, Beatriz Cardoso, Fábio Pego, Lurdes Cardoso, Catarina Oliveira, Matilde Lopes, Inês Costa, Catarina Grelo, Rita Gonçalves, Paulo Barbosa, Camila Costa

Escola Básica Paulo da Gama

Professores: Carlos Carrasco, Teresa Cordeiro e Zélia Tostão
Alunos: Inês Braga, Daniel Oliveira, Miguel Lourenço, Gonçalo Castro, Guilherme Pimenta, Tiago Caldinhas, Marta Amaro, Daniela Ramos, Alexandre Lima, Henrique Silva, Bernardo Feio, Mabel Santos, Guilherme Pereira





Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira



Escola Secundária de Amora



Escola Básica Dr. António Augusto Louro



Escola Secundária Dr. José Afonso



Escola Secundária João de Barros



Escola Secundária Manuel Cargaleiro



Escola Básica Carlos Ribeiro



Escola Básica Paulo da Gama